**ATIVIDADE PARA O DIA 01/06**

**José Carlos Camillo**

**Resumos dos textos de Oostenbroek *et al* (2016) & Meltzoff (2016)**

Ooestenbroek e colegas fizeram um estudo longitudinal com um número alto de sujeitos para avaliar a imitação neonatal em humanos. Usando uma amostragem de 106 bebês (mas apenas os dados de 64 foram considerados), eles colocavam o bebê diante do adulto que fazia um gesto ou mostrava um objeto indicativo de gesto. O gesto era demonstrado durante 15 segundos, havia uma pausa, depois o gesto era demonstrado novamente. Usando um total de 11 gestos, esse estudo concluiu que não há evidência de imitação em bebês durante o período que foi avaliado (1, 3, 6 e 9 semanas). Os autores, então, concluem que imitação não é uma capacidade inata, mas desenvolvida ao longo dos primeiros meses de vida do bebê. No entanto, Meltzoff e colegas solicitaram todos os dados do estudo de Ooestenbroek *et al* (2016) e fizeram uma re-análise deles, levando-os a defender a tese oposta: existe evidência de imitação neonatal (mas eles não chegam a concluir que isso é uma capacidade inata). Para chegar nessa conclusão, primeiro os autores mostraram onze erros metodológicos no estudo de Ooestenbroek e colegas, dos quais destaco: excesso de gestos num mesmo estudo, o que poderia distrair os bebês; alguns dos gestos não estavam dentro da capacidade motora dos bebês; tempo de estímulo e de resposta: os bebês precisam de mais do que quinze segundos para se interessarem em imitar um gesto e mais do que sessenta segundos para conseguirem colocar a imitação em prática; posicionamento do bebê em posturas que desfavoreciam práticas de imitação; entre outros. Diante de tantos problemas metodológicos, o estudo de Ooestenbroek e colegas se torna bastante questionável. No entanto, o segundo passo do texto de Meltzoff e colegas foi analisar os dados brutos do estudo anterior e, através dessa análise, eles conseguiram demonstrar que existe sim evidência de imitação neonatal, especialmente considerando o gesto de “mostrar a língua”. Para demonstrar essa evidência, eles, ao contrário do estudo-alvo dessa crítica, não compararam a imitação do “mostrar a língua” com cada um dos outros gestos (que serviam como controle no estudo). Ao invés disso, eles compararam com a média dos gestos-controle, o que evidenciou uma tendência a imitar o gesto-alvo. Depois disso, os autores apresentam cinco sugestões para que estudos posteriores não cometam erros semelhantes aos de Ooestenbroek e colegas, sugestões que têm a ver com os erros discutidos na seção 1. Por fim, eles discutem três aspectos mais gerais dessa pesquisa: implicações acerca do trabalho científico em si e de sua aplicação no estudo do desenvolvimento humano.

**Questões sobre o texto de Jones (2009), ‘The development of imitation in infancy’**

Uma primeira reflexão é sobre os textos do resumo: a evidência de imitação encontrada em neonatos por Meltzoff e colegas (2016) não necessariamente implica na tese de que imitação é uma capacidade inata (e eles parecem de fato não defender essa tese ao final de sua análise). Eu pensei nisso porque as condições para que o bebê de fato imite implicam numa ênfase muito forte na demonstração do gesto (estímulo), já que eles sugerem outros estudos em que o demonstrador performa o gesto por mais de um minuto (algo que não parece muito comum na interação neonatos-cuidadores, eu acho); e o tempo de formulação do gesto pelo bebê também seria muito longo. Isso parece dar a entender que eles estão manipulando o bebê para a imitação quando ele estaria simplesmente reagindo ao ambiente externo a ele, ou algo assim. E, a partir dessas interações ele aprenderia a imitar de fato, reagindo às reações dos cuidadores, etc. Enfim, não sei se fez sentido, mas foi isso que pensei ao ler o texto de Meltzoff e colegas (2016).

Eu pensei em alterar um pouco o resumo depois de ler o texto da Jones, mas resolvi deixar do jeito que está. Resolvi porque essa foi a primeira vez na disciplina que eu não tenho a mínima ideia do que achar acerca da imitação em bebês. Estou ansioso pela aula de quarta-feira para descobrir o que você acha sobre o assunto.

Sobre o texto da Jones, eu tenho alguns incômodos, reflexões e questionamentos:

1. Acho que ela poderia começar com uma definição do que ela considera imitação. Apesar de ficar um pouco claro à medida que o texto vai se desenvolvendo, nas primeiras páginas isso fica muito confuso. E mesmo ao final eu não saberia dizer ao certo o que a autora considera como imitação ou não. Isso porque, apesar de dar exemplos de casos que ela realmente considera como sendo imitação, ela não dá uma definição explícita. Então eu só posso inferir a partir desses casos o que seja imitação. E ela dá essa definição mais explícita para comportamentos que ela não considera como imitação: a mera coincidência de ações e a emulação.

2. Eu fiquei sem saber dizer se a atuação dos neurônios-espelho é inata ou não. Eu entendi o que a autora está defendendo (que o funcionamento desses neurônios é aprendido), mas tendo em vista as leituras das semanas anteriores, fiquei com essa dúvida. E como essa habilidade “inata” se encaixaria com a teoria dos sistemas em desenvolvimento e todo o arcabouço teórico que a gente tem aprendido nessa disciplina.

3. Ela cita (p. 2330) que a imitação de vocalização em interações entre bebês e adultos ocorre sempre no sentido de o adulto imitar o bebê e não o contrário. Eu tinha a ideia de que bebês aprendiam a linguagem por imitação, mas parece que eles aprendem por emulação a partir do que ela propõe, o que me deixou encantado. É um processo mais complexo do que a mera repetição de sons.